



HETERONORMATIVIDADE NAS ESCOLAS: DIMENSÕES DA HOMOFOBIA NO COTIDIANO ESCOLAR

Marcos Andrade Alves dos Santos¹; José Kasio Barbosa da Silva²; Daniele Gruska Benevides Prata
(Orientadora)³

¹ Licenciando em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual do Ceará (FACEDI-UECE - Itapipoca/Ceará/Brasil) e colaborador do Grupo de Estudos sobre Heteronormatividades na Escola (GEHE-FACEDI). E-mail: marcos.andrade@aluno.uece.br

² Licenciando em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (FACEDI-UECE - Itapipoca/Ceará/Brasil) e colaborador do Grupo de Estudos sobre Heteronormatividades na Escola (GEHE-FACEDI). E-mail: Jose.kasio@aluno.uece.br

³ Mestra em Administração de Empresas pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR/Fortaleza/Ceará/Brasil), Professora na Universidade Estadual do Ceará (UECE-FACEDI – Itapipoca/Ceará/Brasil) e colaboradora do Grupo de Estudos sobre Heteronormatividades na Escola (GEHE-FACEDI). E-mail: daniele.gruska@uece.br

Introdução

As questões de Sexualidade e gênero pontuam o cotidiano de negociações, disputas e enfrentamentos do ambiente escolar, estão enraizadas nas ordens e concepções de ensino – conduzidas pela lógica da heteronormatividade – e, se manifestam com fluidez entre as instâncias da hierarquia escolar. Na escola e entre os alunos, a circulação da homofobia faz transparecer as sexualidades emergentes ao tecido escolar, principalmente as divergentes da norma, ora o regime de vigilância diz respeito a todos os sujeitos (alunos, professores, diretores, coordenadores pedagógicos, funcionários, pais) e suas estratégias de poder são agressivas no ajustamento dos corpos a heterossexualidade.

O arsenal de piadas, humilhações, degradações, violências está disponível para confirmar que os olhos atentos estão também autorizados a corrigir os corpos desviantes. Ao procurar refletir sobre o como a heteronormatividade orienta as concepções curriculares da escola Junqueira(2012) resgata para a discussão a noção de *currículo em ação* e confirma que a escola “cultiva e ensina preconceitos e discriminações” (JUNQUEIRA, 2012, pág. 3), concomitantemente nos faz pensar os privilégios deste espaço para a desconstrução destas práticas, através, segundo o autor da “crítica, a problematização de mecanismos de reificação e marginalização e de crenças e atitudes desumanizantes” (idem).



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Louro (2005) aponta que a Pedagogia da Sexualidade que acontece nos espaços de responsabilidade da escola precisa ser repensada em relação aos modos de produção das identidades, especialmente as sexuais e de gênero. Junqueira (2012) constata que essas pedagogias¹ se revestem de caracteres heteronormativos se mostrando fortemente homofóbicas, onde determinadas práticas, discursos, aparições e identidades sexuais são legitimadas enquanto outras divergentes são silenciadas, oprimidas, negadas e abjetadas.

Nesta perspectiva a ação aqui desenvolvida procura refletir sobre a dinâmica da heteronormatividade no ambiente escolar, tomando como ponto de partida a análise de textos que façam essa reflexão, ao mesmo tempo procurando identificar as potencialidades de formas alternativas ao modelo tradicional de se pensar a sexualidade e gênero no enfrentamento a homofobia estrutural que permeia as relações entre os sujeitos na comunidade escolar.

Metodologia

Para investigar o objeto, foi utilizado como método de investigação a pesquisa bibliográfica. Segundo Gil (2008) a pesquisa bibliográfica se configura como uma atividade que é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. A pesquisa tem como objetivo a reflexão sobre a questão da heteronormatividade na escola e o enfrentamento da mesma que desencadeia e permite práticas como a homofobia no ambiente escolar.

Resultados e discussão

A Heteronormatividade pode ser compreendida como o conjunto de disposições que legitimam a heterossexualidade como possibilidade única e normal de vivência da sexualidade humana (JUNQUEIRA, 2012); (PRADO E MACHADO, 2012). Essas disposições podem ser explicadas por enunciados discursivos, práticas e valores que assumem papéis de destaque no ordenamento cultural voltado a normalização dos corpos ao que Butler (2000) vai chamar de Heterossexualidade compulsória.

Os jogos da construção de identidades sexuais permanecem marcados fortemente por simbologias, por convenções, pelas representações, por artifícios jurídicos, por sanções e deliberações e no ambiente escolar se intensificam as disputas, as negociações e as movimentações

¹ JUNQUEIRA(2012) nos fala da tradução da pedagogia da sexualidade em termos de pedagogia do insulto através da qual a homofobia se mostra voraz e taxativa no cotidiano escolar.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

que vigoram pelas convenções admitidas, fazendo aparecer a realidade de sujeitos diversos explicados pela lógica binária da heteronormatividade.

Uma vez que sexualidade é uma dimensão da vida humana que atravessa e marca todas as outras, percebemos que a escola se mantém embutida no que podemos compreender de *hierarquia sexual* (PRADO E MACHADO, 2012), seu estabelecimento ocorre e se mantém através do preconceito, que despolitiza as relações entre os indivíduos. O embasamento da Hierarquia Sexual, descrita pelos autores, consiste em “conjunto de valores e práticas sociais que instituem a heteronormatividade como um campo normativo e regulador das relações humanas” (p.70). Quando transportamos essa problemática para o ambiente escolar, por vezes observamos a uma série de situações, de conteúdos, de práticas que se remetem a heteronormatividade, situando-a como elo que permeia a construção dos conhecimentos a serem aprendidos por todos.

Quando se argumenta sobre o caráter construído da sexualidade, quando se diz que a sexualidade é aprendida no âmbito da cultura (e a escola age com enorme potencial neste aprendizado) muitos tendem a perceberem esta proposição como assustadora ou desconcertante. Isso ocorre exatamente por que na nossa cultura acredita-se que o corpo é a referência mais sólida que possuímos, a qual anunciaria inequivocamente a sexualidade (LOURO 2005). Porém, diante da explosão de novas formas de viver e representar a sexualidade, diante das profundas transformações históricas e sociais, observamos ou somos confrontados com o caráter plural e fragmentado das identidades pelas quais sentíamos segurança em nos afirmar. A realidade escolar vem sendo bombardeada com a emergência de novas formas de atuação, novos sujeitos reclamam espaço e conseqüentemente respeito e reconhecimento, em diversas situações suas atividades são silenciadas e suas experiências negadas, pois o projeto da escola permanece sustentado na heteronormatividade.

Sabemos que os ditames da heteronormatividade atravessam muito mais do que os currículos, como aos discursos e práticas dos professores, as brincadeiras admitidas no interior disciplinar, a confecção das provas (Questões de Matemática que diferenciam os gêneros). A diferenciação das “atividades de menino” e das “brincadeiras de menina”, a separação dos brinquedos já na educação infantil revela o investimento na educação voltada para a instituição de papéis sociais divergentes para homem e para mulher, a heterocentralidade dos currículos e conteúdos dos livros didáticos, são alguns dos exemplos de estratégias deste investimento.

A circulação dos preconceitos no ambiente de responsabilidade da escola, geralmente sob a forma de homofobia, recupera a visão de que historicamente essa instituição está comprometida em legitimar em seus procedimentos os parâmetros heteronormativos. Ainda que se recuse a admitir é



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

um fato que a escola consente com ações e valores, discursos e ordenamentos que ensinam e potencializam a homofobia em seus espaços. De acordo com Junqueira (2012, p.5) “a homofobia mais que um conjunto de emoções negativas em relação a homossexuais possui caráter social, assim esta diretamente associada a:

“Preconceitos, discriminações e violências voltados contra qualquer sujeitos, expressões e estilos de vida que indiquem transgressão ou dissintonia em relação às normas de gênero, à matriz heterossexual, a heteronormatividade” (JUNQUERIRA, 2012, p.5)

Louro (2005) advoga que a emergência de várias identidades do lugar de silenciamento para a dimensão pública põe em questão a instabilidade e fluidez das identidades sexuais, nestas condições fica evidente que qualquer reflexão tem de considerar os múltiplos arranjos identitários que se manifestam dentro da escola, observando a necessidade de se pensar em políticas que se preocupem em não serem também marginalizadoras em relação a pluralidade de indivíduos e de práticas para além dos homossexuais.

Portanto, produzir trabalhos que versem sobre a análise da escola como espaço de construção de individualidades demanda considerar análises que sejam capazes de politizar todas as experiências inerentes a este interior disciplinar, pois constata-se a partir de Junqueira (2012) que não somente os homossexuais estão sujeitos a homofobia, como a todos os desajustados a lógica heteronormativa. Uma vez que Prado e Machado (2012) atentam para o preconceito como mantenedor das hierarquias sociais é possível perceber que questões de gênero, classes, de geração, raciais, étnicas configuram-se em elementos que se acrescentam a discussão, pois segundo Louro (2005) suas marcas estão imbricadas na nossa identidade sexual, todavia reforçam no corpo estereótipos, estigmas.

A função da escola enquanto instância social responsável pela oferta de educação que esteja pautada no respeito aos direitos humanos e na construção da cidadania deveria esta voltada a garantir as condições justas para a convivência entre a diversidade que a constitui. Para Junqueira (2012) em vez disso “a escola consente, cultiva e promove homfobia” (p. 19), dado o exposto, quando a escola assume para si a colaboração com construção de uma cultura eminentemente heteronormativa, terminando por difundir na sociedade uma única forma de se legitimar a sexualidade humana, que Louro (2005) reconhece ser na identidade heterossexual, negando e abjetando todas as outras possibilidades.

Mergulhar nos espaços de aprendizagem notadamente confirma a necessidade dos debates de gênero e sexualidade na perspectiva de construir caminhos alternativos e inovadores para a



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

estruturação de uma educação libertadora. O PCN de Orientação Sexual reforça que as questões de sexualidade são temas transversais, o documento ainda completa que a sexualidade invade a escola nas atitudes dos alunos e na convivência entre eles, argumentando que a escola não é capaz de fazer com que a sexualidade dos alunos fique fora dela (p. 292).

Caberia, finalmente, a escolar oportunizar espaços de discussões que dêem conta de problematizar os regimes de hierarquia sexual no espaço de aprendizagem, lançando olhares para o preconceito, que nas concepções de Prado e Machado atua produzindo a “transformação de diferenças em desigualdades” (p.72), ou seja, traduzindo a criatividade da diversidade do tecido escolar em algo negativo, portanto ao se arraigar nas ordens curriculares, nas práticas pedagógicas, nas situações corriqueiras do cotidiano escolar desmontam a pluralidade e faz enxergar uniformemente a realidade das sexualidades na escolar.

Considerações Finais

As muitas sugestões de novas formas de viver e ser oportunamente desconcertam o cotidiano normalizado da escola, os novos sujeitos reclamam seu lugar na hierarquia institucional e sexual, seja pelo questionamento da ordem desumana estabelecida, onde o principal argumento seria desconstruir a lógica heteronormativa, seja pelo confronto de suas experiências com a pacata uniformidade dos corpos escolarizados, devidamente adequados, docilizados; falar sobre sexualidade, sobre gênero tem sido cada vez mais uma demanda da realidade escolar, uma vez que nem todos se conformam com o silêncio imposto encontrando outras estratégias de ação para burlar os olhos vigilantes.

A educação escolar tem de estar atenta aos sujeitos para a qual se destina, procurando respeitar as individualidades de cada um buscando honrar o compromisso com os Direitos Humanos. A proposição mais consistente seria tornar a sexualidade um tema que para ser discutido se dispense as pontualidades de situações que a ponha em pauta. Confirmamos que o debate sobre sexualidade e gênero deve ser cotidiano, pois a *pedagogia da sexualidade* (LOURO, 2005) também emerge do cotidiano escolar que marginaliza e nega os sujeitos e expressões distoantes da matriz heteronormativa. Deve-se apostar em metodologias inovadoras, que ao pensar a sexualidade enquanto construto histórico e social questione a hierarquia sexual admitida na escola, desconstruindo os discursos e práticas homofóbicas centradas no ideal de produzir sujeitos heterossexuais. Admitir novas possibilidades de debates pode contrariar a heteronormatividade e



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

com certeza construir pedagogias mais livres de preconceitos e inferiorizações.

Esse estudo é preliminar, assim na medida em que novas pesquisas e publicações forem feitas novos olhares serão lançados sobre essa temática. Ademais, uma vez que a sociedade está em constante reconstrução, as perspectivas sobre um determinado fenômeno tendem a se “modernizar” ou se modificar, portanto serão sempre possíveis a reconstrução de saberes e de discursos sobre a sexualidade, uma vez que desde Michel Foucault (1998) se reconhece que há uma proliferação de discursos sobre a sexualidade.

Referências Bibliográficas

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais Vol. 10.5 – Orientação Sexual/** Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF. 1998 146p.

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”**. Termo In: LOURO, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte, Autêntica, 2000, p. 110-125.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

JUNQUEIRA, R. D. **Currículo heteronormativo e cotidiano escolar homofóbico**. Espaço do Currículo, v.2, n.2, p.208-230, 2010.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Pedagogia do armário e currículo em ação: heteronormatividade, heterossexismo e homofobia no cotidiano escolar**. MILSKOLCI, Richard (Org.). Discursos fora da Ordem: deslocamentos, reinvenções e direitos. São Paulo: Annablume, 2012. (Série Sexualidades e Direitos Humanos).

Lakatos, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica 1** Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. - 5. ed. - São Paulo : Atlas 2003.

LOURO, G. L. **Pedagogias da Sexualidade**. In LOURO, G, L (org.) *O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade*. (p. 9-34). Belo Horizonte, Autêntica, 2005

PRADO, M. A. M. **Preconceitos contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade** / Marco Aurélio Máximo Prado, Frederico Viana Machado. – 2. Ed.- São Paulo: Cortez, 2012. – (Coleção preconceitos; v. 5)



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br